

A COMUNICABILIDADE ENTRE HOMEM E NATUREZA NA PINTURA DE ELISEU VISCONTI

Fabíola Cristina Alves¹

Este estudo trata das questões que envolvem a comunicabilidade entre homem e natureza visível nas pinturas de Eliseu D'Angelo Visconti (1866-1944), considerando a influência da técnica impressionista ou pós-impressionista que o artista sofreu após sua estadia como pensionista do governo brasileiro em estudos na França. Para além da técnica, entendemos que o pintor aprofundou-se no estudo da natureza, exprimindo a necessária comunicação entre o homem (o pintor) e a natureza no fazer artístico.

A natureza como tema nas paisagens ou interesse de estudo para Eliseu Visconti é observável no todo de sua obra. Mas principalmente, em dois momentos: sua participação no ateliê ao ar livre no início de sua carreira (ainda em período de formação) e nos últimos trabalhos produzidos no interior de seu jardim desde o final dos anos de 1930. A comunicabilidade entre o homem e a natureza, seja como motivo ou motivação para a produção artística, pode ser pensada a partir da noção de história de longa duração em diálogo com questões iniciadas pelo pensamento filosófico do romantismo.

Nesta perspectiva, notamos que a relação entre homem e natureza, já era presente nas reflexões de Johann Wolfgang Von Goethe e outros românticos, desdobrando-se ao longo dos séculos até o início do século XX, inclusive com reflexos na pintura e no impressionismo. Entre os pensadores modernos que refletiram sobre a relação homem e natureza, destacamos as ideias implícitas no poema “Correspondência” de Charles Baudelaire e a filosofia de Maurice Merleau-Ponty que entende a arte moderna a partir da aproximação do homem (o pintor) com a natureza (o mundo percebido). Neste sentido, o estudo pretende discutir a comunicabilidade entre homem e natureza na pintura de Eliseu Visconti a partir de uma análise dialógica entre filosofia e história da arte, objetivando compreender como a pintura deste artista adere às reflexões filosóficas sobre a relação homem e natureza.

¹ Doutoranda em Artes pelo Programa de Pós Graduação em Artes da UNESP, mestre em artes pela mesma instituição.

Para este texto nos limitamos a descrever pontos da abordagem teórica que utilizamos para desenvolver nossa reflexão estética sobre as pinturas de paisagem de Eliseu Visconti, pois os resultados da análise sobre os aspectos plásticos e estéticos ainda são parciais e introdutórios.

Primeiramente, este estudo de doutorado, também se origina da leitura do texto *Visconti diante das modernas gerações* de Mário Pedrosa publicado originalmente no *Correio da Manhã* em 1950. No texto, o crítico inicia suas assertivas sobre a obra de Eliseu Visconti, considerando-o “[...] um desconhecido das modernas gerações”². Eliseu Visconti, já falecido em 1944, não chegou a apreciar as considerações do crítico marxista, porém, o público e as comunidades de práticas do campo da arte puderam não apenas ler o texto do crítico como observar a leitura que Pedrosa fez situando o pintor em comparação aos mestres do passado e aos artistas modernos. No texto, é possível, entender o solo da discussão de Pedrosa “militante” pela transição entre academicismo e modernismo.

No entanto, é necessário observar como aponta a historiadora Ana Maria Tavares Cavalcanti que “[...] foi no decorrer das décadas de 1940 e 1950 que Eliseu Visconti foi classificado, pelos historiadores da arte no Brasil, como o primeiro pintor impressionista brasileiro”³. Neste sentido, o texto escrito por Mário Pedrosa sobre a obra de Eliseu Visconti, parece estar imbuído de possíveis intenções de caracterizar este pintor como um precursor das novas tendências no contexto brasileiro, porém, como já descrevemos o crítico inicialmente apresenta Eliseu Visconti como um desconhecido dos modernistas, mesmo que o discurso de Pedrosa procure estabelecer uma linha de transição na história da arte brasileira.

No texto *Visconti diante das modernas gerações*, Pedrosa retoma momentos da produção e da formação de Eliseu Visconti, tentando sempre contextualizar a situação do campo artístico brasileiro em cada momento citado. Porém, o crítico marxista dá destaque ao momento de produção do artista nos últimos anos de vida. E para contextualizar este momento, Pedrosa narra um Eliseu Visconti já “aposentado”, sem as preocupações das encomendas do governo. E “livre” das exigências do patrão, seja quem fosse o patrão, Eliseu Visconti pode finalmente se dedicar nos termos de Pedrosa a “liberdade da criação” e acrescenta “a pintura para ele não mais se distingue de sua vida

2 PEDROSA, M. *Acadêmicos e modernos: textos escolhidos III* (org. Otília Arantes. São Paulo: Edusp, 2004), p. 119.

3 CAVALCANTI, Ana Maria Tavares. “O pintor Eliseu Visconti (1866-1944), o impressionismo e o meio artístico parisiense do final do século XIX”. In: *ArtCultura*, v.7, n.10, 2005. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História, p.8.

externa; é a suprema expressão de seu próprio eu [...] Não perde mais o contato com a natureza”⁴. É então, que o exercício do pintar a natureza se torna uma experiência da vida cotidiana para Eliseu Visconti, das observações diárias do seu jardim, descobrindo, enfim a relação entre o homem (o pintor) e a natureza (o mundo visível e percebido).

No final do texto *Visconti diante das modernas gerações*, Mário Pedrosa ainda lamenta, referindo-se a Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti e Candido Portinari, que os primeiros modernos brasileiros não tenham dado crédito às obras que Eliseu Visconti desenvolveu a partir da técnica da luz. Nas palavras de Pedrosa: “O modernismo brasileiro não se teria nutrido apenas de ideias importadas da Europa, com raro intercâmbio mais direto com mestres modernos. A lição de Visconti tê-lo-ia levado mais depressa a comunicar-se com a natureza [...]”⁵. Para o crítico, a comunicabilidade entre o artista e a natureza só se tornou um problema moderno no contexto brasileiro a partir da segunda camada de modernistas. Pedrosa se refere às obras de Pancetti, Cícero Dias, Guignard, Segall e Lívio Abramo. O uso do termo “camada” para denominar os modernistas é uma expressão usada pelo autor.

Foi nesta trajetória que surgiu a necessidade de uma reflexão estética sobre a relação homem e natureza nas pinturas de paisagem de Eliseu Visconti. No aprofundamento na leitura da literatura disponível sobre o pintor identificamos a permanência do termo “moderno” e da noção de “modernidade” nas pesquisas desenvolvidas e nos textos críticos dedicados a obra deste artista, inclusive no que diz respeito a sua pintura de paisagem. Esta permanência ocorre nos textos publicados durante a vida do artista, após a sua morte e até em abordagens recentes. Observamos que para este estudo de caso, seria necessário tratar do tema da “modernidade” na investigação da pintura de paisagem deste artista.

A discussão sobre a relação homem e natureza já era fecunda no pensamento filosófico do romantismo e na estética romântica, ampliando-se em outras discussões com a passagem dos séculos. No final do século XIX e início do século XX, nas artes, a “modernidade” de obras impressionistas ou pós-impressionistas, até certo sentido, pode ser considerada como desdobramentos de questões iniciadas no romantismo, no caso, da relação homem e natureza.

No entanto é necessário entender o que é uma reflexão estética. No século XVIII a estética

4 PEDROSA, M. *Acadêmicos e modernos: textos escolhidos III* (org. Otilia Arantes. São Paulo: Edusp, 2004), p. 1329.

5 Idem, p. 132.

surgiu com as meditações filosóficas do alemão Baumgarten, o tema central desta área de estudo foi originalmente a noção de beleza e “o belo”. Com as mudanças ocorridas no campo artístico durante a passagem do século XIX, XX e XXI, inclusive ligadas ao tema da “modernidade”, o campo de investigação da estética ampliou sua problemática para outros temas, tais como: o feio, a expressão, a percepção, o sensível, dentre outros.

Para Luigi Pareyson em *Os problemas da estética* (2001), a estética é constituída pela reflexão filosófica e o seu contato com a experiência, não podendo ser chamada de estética a reflexão filosófica de caráter puramente teórico. Para o autor, a estética, necessariamente, considera a experiência em arte, assim como o discurso do artista e do crítico de arte para desenvolver as suas interpretações. Para o autor, a estética pode ainda refletir sobre produções específicas em arte, mas sempre fazendo de modo a servir a todas as demais.

A discussão da “modernidade” desperta nos pesquisadores dedicados ao seu estudo a compreensão de que o problema da “modernidade” ou das “modernidades” deve ser entendido como um campo de desdobramentos de valores, discursos e práticas quando tratado na área das artes. Compreende-se que a “modernidade” é um termo amplamente usado ao longo dos séculos XIX, XX e XXI, sendo um termo que adere diversas definições e abordagens, mas isto não o exclui do campo de investigação acadêmica. Ao contrário, são pelos diversos discursos sobre a “modernidade” que o estudo é enriquecido e a noção de “modernidade” ganha novos significados.

Briony Fer, professora no University College da London University, aborda no livro *Modernidade e Modernismo* (1998) que o termo “moderno” possui diversas interpretações e é utilizado para discriminar diversos tipos de produções artísticas. Para a autora o termo “moderno” pode significar uma relação de diferenciação com o passado, como um sinônimo para “atual” conforme determinado contexto. A autora esclarece que o termo “moderno” pensado por Baudelaire em 1863, assim como a noção de “modernidade” deste poeta, compreende a ideia de transitoriedade/passagem e da experiência da vida social moderna, neste sentido, a “modernidade” para a autora não possui uma definição fixa, pois está sujeita a mudança histórica.

A noção de “modernidade” relaciona-se ainda aos temas da “modernização” e do “modernismo”. Charles Harrison, professor na Open University, no livro *Modernismo* (2001) distingue os três termos, para o autor a noção de “modernidade” é um processo ligado às condições sociais, a

“modernização” é associada às mudanças causadas pela Revolução Industrial, já o “modernismo” é um termo que pode ser utilizado para tratar das obras de arte como uma categoria especial, uma forma de dar valor a arte produzida na modernidade. Harrison optou por tratar de uma tradição modernista para discutir as transformações ocorridas no campo artístico na transição do século XIX e XX. O autor entende o “moderno” como um modo de perceber o presente em relação a sua incompatibilidade com passado e as intuições que o representam.

Walter Benjamin em *A modernidade e os modernos* (1975) trata da poética de Charles Baudelaire e entre os pontos analisados estão os termos “moderno” e “modernidade” que foram concebidos pelo poeta. Para o autor a “modernidade” traçada por Baudelaire permite duas interpretações sobre o herói, ora como poeta, ora como o homem da grande cidade, o que, a meu ver, já pontuava a abertura do termo. Para Benjamin a “modernidade” em Baudelaire é o espírito de certa época, sendo frágeis seus limites com a antiguidade, pois, uma vez que a “modernidade” conquista seu objetivo, esta poderá se tornar antiga.

Jacques Rancière, professor emérito na Université Paris VIII, em *A partilha do sensível* (2009) explica que apesar das diversas funções atribuídas ao termo “modernidade”, este é mais que uma denominação, pois a “modernidade” nas suas diversas versões deve ser compreendida como um conceito que trata dos regimes da arte. Para o autor, do ponto de vista da estética, a “modernidade” pode parecer uma ruptura com o regime da arte (entre o antigo e o moderno), porém, “modernidade” é uma noção mais abrangente e inventada para explicar as transformações ocorridas nas artes. A meu ver, a compreensão da “modernidade” como uma invenção é um dos indicativos já presentes no pensamento de Baudelaire.

A modernidade – ou a experiência da modernidade – é por si só uma discussão que atualmente solicita aprofundamento, pois já existe um distanciamento temporal necessário para tal. Observa-se como a noção de “modernidade” se liga a outros termos, como “moderno” e “modernismo”. Sônia Salzstein (2007) sugere ao campo de pesquisa em artes visuais o “reexame rigoroso das fontes do modernismo”⁶, pois deste modo será possível discutir a complexidade e as promessas que inventaram o modernismo, mais especificamente na arte.

Nesta perspectiva, que esta pesquisa de doutorado objetiva um estudo de caso, elegendo para

6 SALZSTEIN, S. In: CLARK, T. J. *Modernismos* (trad. Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2007), p. 343.

o estudo a obra de Eliseu Visconti, mais especificamente as suas pinturas de paisagem que apresentam a relação homem e natureza, visando uma reflexão estética e um estudo sobre as questões que envolvem a “modernidade” nesta parte da produção do pintor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, F. C. *A filosofia de Merleau-Ponty e a Arte*. In: Palíndromo (Teoria e História da Arte). Florianópolis: Udesc, 2010, v. 3.
- AMARAL, A. A. *Artes plásticas na Semana de 22*. São Paulo: Editora 34, 1998.
- ARGAN, G. C. *Arte Moderna na Europa: de Hogarth a Picasso*. Trad. Lorenzo Mammi. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. *Arte e crítica de arte*. Trad. Helena Gubernatis. Lisboa: Estampa, 1993.
- BAUDELAIRE, C. *A invenção da modernidade*. Trad. Pedro Yamen. Lisboa: Relógio D'Água, 2006.
- _____. *Escritos sobre arte*. Trad. Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Hedra, 2008.
- BARATA, F. *Eliseu Visconti e seu tempo*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Zélio Valverde, 1944.
- BENJAMIN, W. *Baudelaire -un poète lyrique à l'apogée du capitalisme*. Paris: Payot, 1982.
- _____. *A modernidade e os modernos*. Trad. Heindrun Krieger Mendes da Silva. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1975.
- BLOCH, M. L. B. *Capítulo IV: Parte I. Julgar ou compreender?* In: Apologia da história, ou, O ofício de historiador. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CAVALCANTI, A. M. T. *Les artistes brésiliens et “Les prix de Voyage em Europe” à La fin Du XIXe siècle: vision d'ensemble et étude approfondie sur le peintre Eliseu D'Angelo Visconti (1866-1944)*. (Tese de doutorado em História da Arte) Paris: Université Paris I, 1999.
- _____. *O pintor Eliseu Visconti (1866-1944), o impressionismo e o meio artístico parisiense do final do século XIX*. In: ArtCultura, Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História, 2005.

- _____. *Crítica de arte e originalidade artística nos Salões de Paris (1861, 1882 e 1899)*. In: Anais do XXXIII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.
- CARBONE, M. *La visibilité de l'invisible*. Hildesheim: OLMS, 2001.
- CARROLL, N. *Filosofia da arte*. Trad. Rita Canas Mendes. Lisboa: Texto e Grafia, 2010.
- CHAUÍ, M. *Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- CHIARELLI, T. *Pintura não é só beleza: a crítica de arte de Mário de Andrade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007.
- _____. *Um Zeca nos vernissages: Monteiro Lobato e o desejo de uma Arte Nacional no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1995.
- CHIPP, H. B. *Teorias da arte moderna*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CLARK, T. J. *Modernismos*. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- COLI, J. *Como estudar a arte brasileira no século XIX?* São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.
- DAZZI, C; VALLE, A. (org.) *Oitocentos - Arte Brasileira do Império à República*. Rio de Janeiro: EDUR-UFRJ/Dezenove Vinte, 2010.
- DECAUNES, L. *Charles Baudelaire*. Saint-Etienne: Dumas/Seghers, 1992.
- DIDI-HUBERMAN, G. *Diante da imagem*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: editora 34, 2013.
- ESCOUBAS, E. *Investigações Fenomenológicas sobre a pintura*. In: __ KRITERION, Belo Horizonte, nº 112, Dez/ 2005.
- FABRIS, A. *Portinari, pintor social*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- FRANCIS, F; FER, N. B. B ; HARRISON, T. G. C. *Modernidade e Modernismo*. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Cosac Naify, 1998.
- GREIMAS, A. J. *Da Imperfeição*. Trad. Ana Claudia de Oliveira. São Paulo: Hacker editores, 2002.
- GONZAGA, D. *A Arte Brasileira*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- HARRISON, C. *Modernismo*. Trad. João Moura Jr. São Paulo: Cosac Naif, 2001.
- Holos Consultores Associados (org.) *Eliseu Visconti – modernidade antecipada*. Rio de Janeiro, 2012, 1 Catálogo.
- LACOSTE, J. *A filosofia da arte*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- LATOUR, B. *Jamais fomos modernos*. Trad. Carlos Irineu da Costa.

- MATTHEWS, E. *Compreender Merleau-Ponty*. Trad. Marcos Penchel. São Paulo: Vozes, 2010.
- MERCURY, J. Y. *Approches de Merleau-Ponty*. Paris: L'Harmattan, 2001. Rio de Janeiro : Editora 34, 1994.
- MERLEAU-PONTY, M. *Le Doute de Cézanne*. In: *Sens et Non-Sens*. Paris: Nagel, 1948.
- _____. *Conversas -1948*. Trad. Fábio Landa e Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Éditions Gallimard, 1945.
- _____. *L'Oeil et l'Esprit*. Paris: Éditions Gallimard, 1964.
- MOLINA, A. H. "A influência das artes na civilização": *Eliseu D'Ángelo Visconti e Modernidade na primeira República*. (Tese de doutorado em História) Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, UFPR, 2004.
- MOUTINHO, L. D. S. *Razão e experiência. Ensaio sobre Merleau-Ponty*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- NASCIMENTO, J. L. *São Paulo no século XIX*. São Paulo: Imprensa Oficial/ Poiesis, 2011.
- _____. *Euclides da Cunha e a estética do cientificismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- NUNES, José Luiz da Silva. *Eliseu D'Ángelo Visconti: sua formação artística no Brasil e na França*. (Dissertação de Mestrado em História e Crítica de Arte) Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Escola de Belas Artes. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.
- OLIVEIRA, V. O. *A arte na belle époque: o simbolismo de Eliseu Visconti*. Urbelândia: Edufu, 2008.
- PAREYSON, L. *Os problemas da estética*. Trad. Maria Helena Nery Garcez. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- PEDROSA, M. *Acadêmicos e modernos: textos escolhidos III*. Otilia Arantes (org). São Paulo: Edusp, 2004.
- RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível*. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2005.
- SANCHEZ, Maria José. *Impressionismo Viscontiano*. Dissertação. Mestrado em Artes – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – São Paulo, 1982.
- SARTRE, J. P. *Baudelaire*. Mayenne: Gallimard, 1975.
- SERAPHIM, M. *A catalogação das pinturas a óleo de Eliseu D'Ángelo Visconti: o estado da questão*. (Tese de doutorado em História) Programa de Pós Graduação em História da Universidade de Campinas, Unicamp, 2010.
- _____. *Um olhar sobre a obra de Eliseu Visconti*. In: Fênix – Revista de História e Estudos Culturais. Julho/ agosto/ setembro de 2006.

ZANINI, W (org.). *História geral da arte no Brasil (v.1)*. São Paulo: Fundação Moreira Salles, 1983.

_____. *História geral da arte no Brasil (v.2)*. São Paulo: Fundação Moreira Salles, 1983.

ZILIO, C. *A querela do Brasil*. Rio de Janeiro: Funarte, 1982.

Eliseu Visconti Website. Disponível em: <<http://www.eliseuvisconti.com.br>>, Acesso em: 12 de dezembro de 2013.